

TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI

# Luna

ilustrações  
Eduardo Medeiros

DÍALOGQ



editora scipione

Luna

© Tânia Alexandre Martinelli, 2015

**Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica** Mário Ghio Júnior

**Diretoria editorial** Lidiane Vivaldini Olo

**Gerência editorial** Paulo Nascimento Verano

**Edição** Camila Saraiva

### **Arte**

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.)  
e Thatiana Kalaes (assist.)

**Projeto gráfico** Rex Design

**Ilustrações** Eduardo Medeiros

### **Revisão**

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.), Célia Carvalho  
e Brenda Moraes (estag.)

### **Iconografia**

Sílvio Klugin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

---

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

M335L

Martinelli, Tânia Alexandre, 1964-  
Luna / Tânia Alexandre Martinelli ; [ilustrações  
Eduardo Medeiros]. - 1. ed. - São Paulo : Scipione,  
2015.

88 p. : il. ; 22 cm.

ISBN 978 85 262 9665-7

1. Romance infantojuvenil brasileiro. I.  
Medeiros, Eduardo. II. Título.

15-22272

CDD: 028.5

CDU: 087.5

---

CL 737809

CAE 547742

2019

1ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:



### **editora scipione**

Direitos desta edição cedidos à Editora Scipione S.A., 2015

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros — São Paulo — SP — CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 / atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



*Para Emília e Marcos Bazanelli  
e para Aurã Ferreira Martins.*

# SUMÁRIO

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| <b>Parte I</b> .....           | 7  |
| 1. Minhocas.....               | 8  |
| 2. Nina.....                   | 12 |
| 3. Mia.....                    | 16 |
| 4. Vidigal.....                | 21 |
| 5. Filhote.....                | 25 |
| 6. Amigo.....                  | 27 |
| 7. Zoológico.....              | 31 |
| 8. Cartaz.....                 | 35 |
| 9. Colo.....                   | 39 |
| 10. Mais calado que nunca..... | 45 |

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| <b>Parte II</b> .....               | 51 |
| 11. No dia em que vim ao mundo..... | 52 |
| 12. Asas.....                       | 57 |
| 13. Visita.....                     | 61 |
| 14. Dois irmãos.....                | 65 |
| 15. Escuro.....                     | 68 |
| 16. Cai a noite.....                | 72 |
| 17. Medo.....                       | 78 |
| 18. Em casa.....                    | 81 |
| 19. Cama.....                       | 85 |



# Parte I



## Minhocas

**B**astava me ver marrom para minha mãe aparecer com uma de suas frases. Ela sabia que eu voltava do quintal com algo estranho nas mãos, nem adiantava esconder. Às vezes, acontecia de ser filhote de passarinho morto, ninho abandonado, perna de gafanhoto, folha mofada, galho seco, adesivo enterrado, tampinha de garrafa, pedra com formato especial.

Seu tom de voz nem sempre era o mesmo, geralmente variava entre o médio e o alto agudo, dependendo da gravidade da situação.

– Marcos, você tem mania de trazer para dentro de casa tudo o que deve ficar do lado de fora – ela dizia.

Ou:

– Mas que mania você tem de trazer para dentro de casa tudo o que deve ficar do lado de fora!

Com a troca da pontuação a coisa ficava pior. Pior para mim, quero dizer.

Com o passar dos anos, aprendi a analisar essas frases. Costume que talvez eu tenha herdado da minha própria mãe, que



era escritora e trabalhava com as palavras muito bem. Assim, num exame um pouco mais minucioso, logo descobri a injustiça contida naquela palavra de poucas letras, mas com significado bastante abrangente.

“Tudo”, não.

Havia muita coisa que ficava do lado de fora da minha casa. As minhocas, por exemplo.

Sempre admirei as minhocas pelo seu prestativo trabalho junto à natureza, pois elas passam a vida cavando e adubando a terra sem cobrar nada por isso. Eu me distraía peneirando com as mãos aquele pedaço do jardim que mais parecia um dormitório de minhocas. Ia sentindo a umidade arrancada de lá de baixo, o pó fino grudado na pele, enquanto a minhocada toda se enrolava feito anel pelos vãos dos meus dedos.

Minha mãe reclamava porque eu vivia como um tatu, empoeirado e marrom. Na certa, tinha aflição de me ver com aquelas molengas o tempo inteiro. Às vezes, eu segurava as pobrezinhas com força demais e acontecia de esmagá-las sem querer, dividindo uma em duas. Mas creio que isso não lhes trouxesse grande problema, pois eu já tinha ouvido falar que as minhocas se regeneram com muita facilidade, ou seja, voltam a ter a mesma cauda tudo de novo. Será que doía?

– Marcos!

– Hã? – geralmente nessa hora, eu levava um susto e apertava ainda mais as minhocas.

– Que horror! Larga isso já, menino! – minha mãe falava. – Ah, meu Deus, que nojo!

Então, ela me tirava da terra, me sacudia como se eu fosse uma toalha de mesa cheia de farelos e seguia me arrastando para

dentro de casa, rumo ao banheiro. E lá vinha água no meu rosto, braços, pernas e pés, uma enxurrada completa. De água e de bronca. Encerrado o discurso, me mandava brincar com outra coisa e pronto. Só que dali a cinco minutos eu saía pela porta da cozinha como quem não quer nada e ia direto pro jardim. Ela percebia o meu sumiço repentino e me tirava de lá. E eu voltava. Ela me tirava e eu voltava. Tirava e...

Foi nessa época, acho que eu tinha uns seis ou sete anos, que ela ouviu uma porção de conselhos:

– Escuta, Emília. Tira a terra e cimenta tudo. Coloca um piso bonito, ó, desses da última moda.

– Escuta, Emília. Aproveita essas minhocas e vende o húmus para o dono da horta. Ele joga lá nos canteiros de alface, agrião...

– Escuta, Emília. Quer que eu fale pro Carlão passar aqui toda vez que ele for pescar? Em pouco tempo a gente acaba com isso.

Até que ouvi um mais ou menos interessante:

– Escuta, Emília. Esse menino anda precisando conviver com outros bichos, é isso.

Deixei de lado o que estava fazendo, esfreguei uma mão na outra para me livrar da sujeira e fui chegando mais perto das duas, prestando atenção. Minha mãe respondeu com um longo suspiro e a Raquel, amiga dela, continuou falando:

– Sabe, meu sobrinho ganhou uma calopsita, precisa ver que graça.

– Calopsita?

– Nunca viu, não? É um passarinho muito bonito, tem um topete levantado assim... – a Raquel ia explicando com um gesto, as duas mãos paralelas pouco acima da cabeça. – Inteligente! O Jura, meu cunhado, ensinou pra ele o hino do Palmeiras.